DIAS, CICERO
D541c5

EXPOSIÇÃO

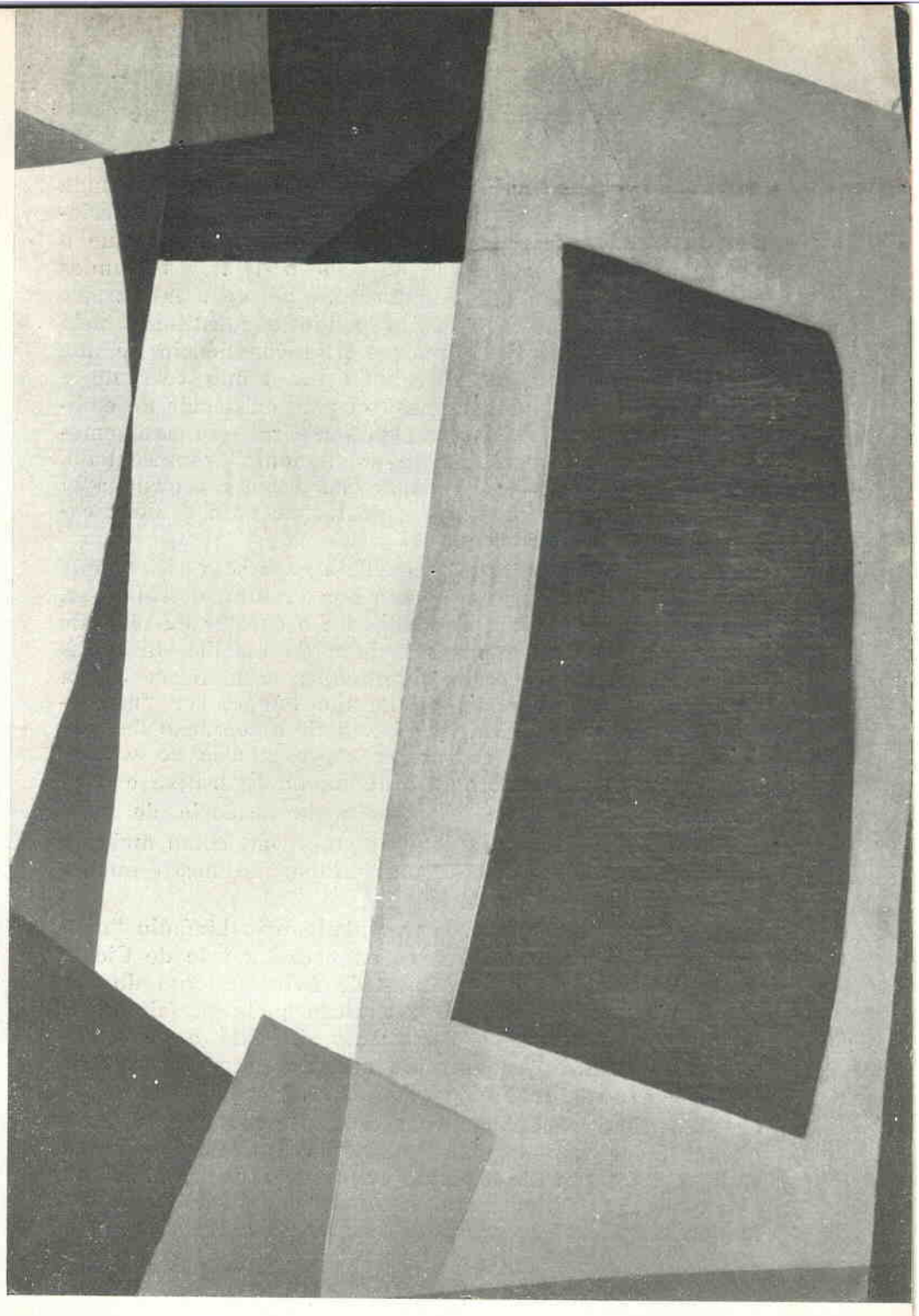
CICERO DIAS

MUSEU DE ARTE MODERNA - RIO DE JANEIRO

Da arte dos pintores eu só entendo o que regala os meus olhos, aquilo que posso ver sem procurar auxílio de teorias ou de preparação técnica, de sabedoria, de cátedra. Bebo d'água sem análises químicas, sem exigir da fonte que corre que ela esteja decomposta em suas riquezas minerais. Assim me coloco diante da obra fabulosa de Cícero Dias. Vejo-lhe os quadros e me sinto verdadeiramente tocado pelas invenções de um homem de gênio. As suas formas, as suas côres, o seu ritmo são maravilhas que me absorvem, que me dão um sentido vigoroso de vida. E é esta vitalidade espantosa o que faz da pintura de Cícero Dias uma presença de humanidade em constante contacto com a terra. Pernambuco está em Cícero como se fôsse a sua natureza, ou melhor, os engenhos do sul e o Recife dos sobrados, das casas humildes, dos cais, da luz sôbre o Capibaribe, sôbre o mar verde e das rezas dos terreiros, das cantigas de carnaval. Por isto que a pintura de Cícero Dias tem sempre uma constante nativa. O nativismo que não é o exótico, mas o comum, o natural, o quotidiano. Só a sua pintura tem as côres que ela tem, só o seu ritmo é êste como se fôsse o pulsar do coração da terra. Grande pintor que é vivo como um pé de mato na floração. Vejo-lhe os quadros como se andasse pela estrada do meu engenho, sentindo o cheiro dos cajás maduros, e vendo o encarnado dos mulungús, como mastros de navios ancorados no verde da mata. Grande lírico que o mundo não devorou.

José Lins do Rego

02348

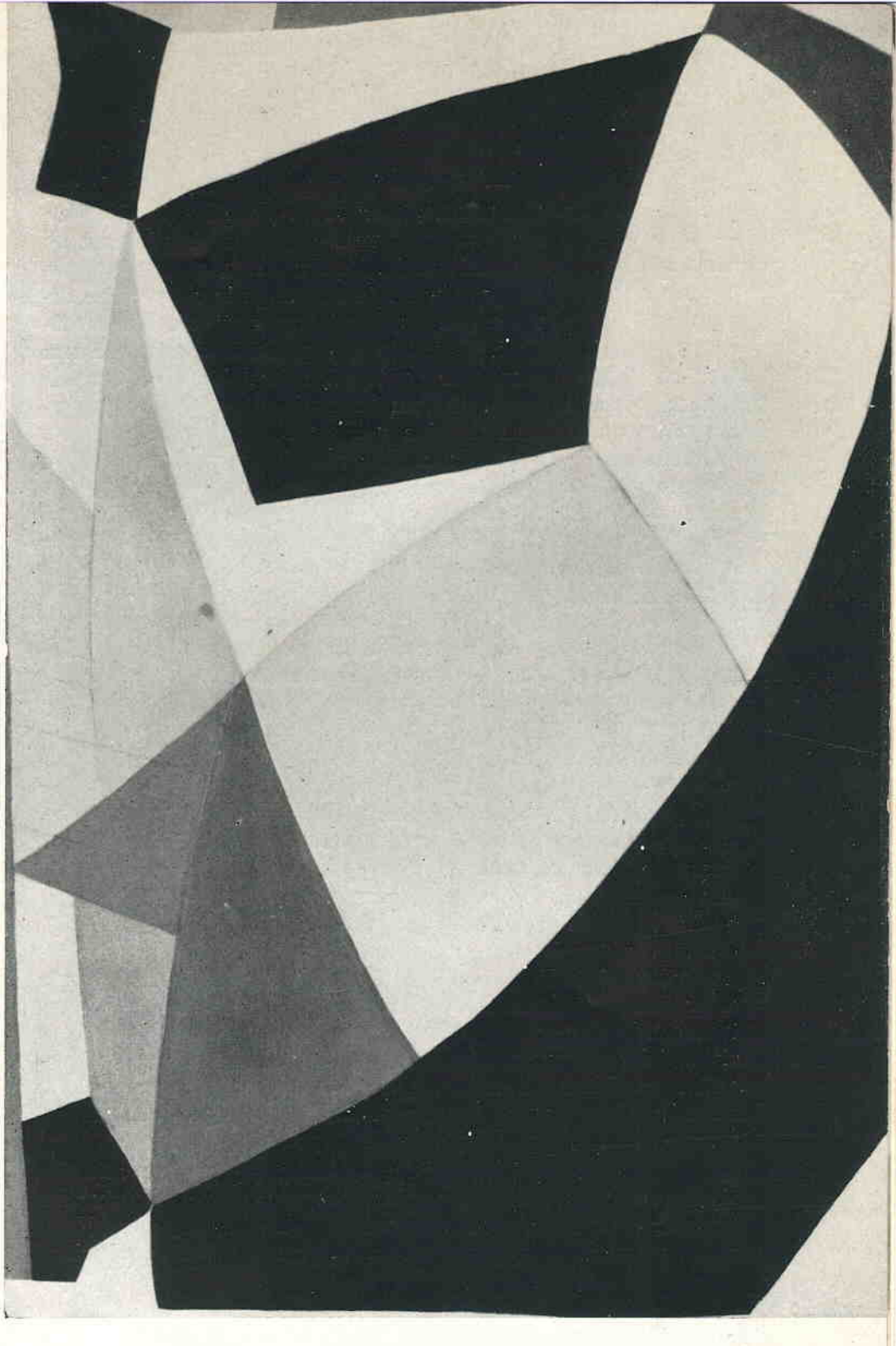


A originalidade da pintura do nosso tempo, em relação à pintura de outras épocas, reside na posição tomada pelos artistas de hoje contra o culto dos aspectos exteriores da natureza e na sua afirmação categórica de que a arte repousa, antes de tudo, na criação de novos mundos plásticos. A imitação da natureza, que vem talvez das nossas origens simiescas, foi repelida e substituída pelo culto da forma pictórica pura e pela consciência de que esta forma, se ordenada segundo um ritmo coerente e determinado, é a única responsável pela existência de emoções na obra de arte. O que significa dizer que essas emoções independem inteiramente do "assunto" representado. Com isto a arte pôde abandonar seu duplo e estéril papel moralizador e documentário e se tornar uma radiosa expressão de sentimentos puros.

Ao se libertar a arte da anedota e ao se verificar que um bom "assunto" não cria uma boa pintura, descobriu-se, também, que a essência dos estilos e o caráter da obra de arte eram função da persistência e da escolha de certos ritmos formais, de certas harmonias cromáticas. Desta maneira, uma tela pôde, ao mesmo tempo, ser "não-representativa" e orgânica, isto é, sugerir a sensação de vida e de movimento sem recorrer à representação de sêres e objetos do nosso mundo quotidiano; ou figurativa e inorgânica, isto é, sugerir a sensação da ausência de vida, do eterno e do imóvel, apesar de empregar, como meio de representação, figuras e formas tiradas do nosso mundo real.

E', no primeiro caso, representado pelo binômio "não-figurativo" — orgânico, que se enquadra a arte de Cicero Dias. Esta exposição do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro nos prova que a pintura pode perfeitamente expressar um profundo sentimento de vida e de movimento, ter um intenso sentido orgânico, sem recorrer às formas da nossa realidade quotidiana.

Ao primeiro contacto com esta arte alegre e violenta o espectador sente imediatamente uma explosão de côr e, logo após, um subseqüente sentimento de vida. E' na côr, que é, em última análise, o "meio" de tôda a pintura moderna, que reside o mistério desta arte e a sua razão

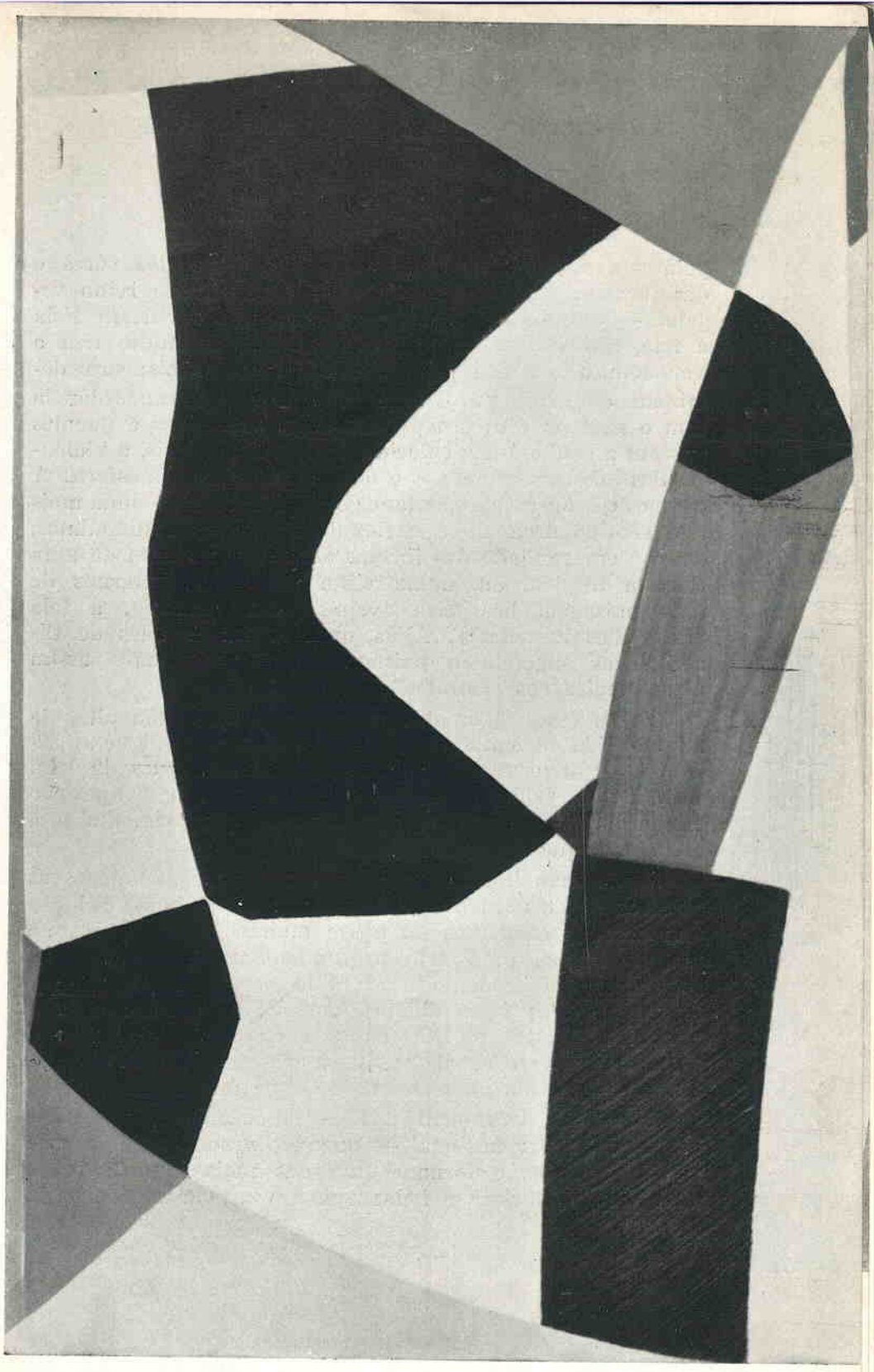


de ser. E' a côr — desagregada por violenta explosão, por excesso de dinamismo, por super-abundância de vida — que dá caráter extremamente orgânico à pintura de Cícero Dias. O contraste violento das côres, que por vêzes chegam a sair dos limites da tela e sugerir a terceira dimensão, transpõe sempre as fronteiras naturais do movimento clássico, do movimento em potência, indo até um terreno fora de qualquer contenção; isto é, até o terreno dinâmico do barroco. O tom "rompido" desvia a tendência natural à ordem clássica e à simetria; e as côres, que repelem qualquer acôrdo sutil, excitadas e sublimadas por violentas aproximações, rendem o máximo de expressão e de vida, o máximo de dinamismo, criando, assim, um "não-figurativismo" "fauve"; um estilo de descendência barrôca, mas sem desespêro ou tristeza.

Pelo contrário, tôda essa vibração, ao formar um mundo de ações e reações trepidantes que sugerem um organismo vivo, cria uma atmosfera meio selvagem, alegre e primitiva; poderíamos dizer, uma atmostera tropical, mais próxima do paraíso do que do inferno, do prazer do que da angústia.

A côr violenta e explosiva das telas de Cícero Dias não resulta apenas do desejo de reproduzir as manifestações decorativas da natureza; são mais do que isso, são elementos primordiais da nossa terra, da nossa vida, da nossa maneira de ser e de reagir ante o ambiente que nos cerca. Vem daí que, Cícero Dias, antes de pertencer à Escola de Paris e, apesar do aspecto "não-figurativo" da sua arte, é um pintor estritamente brasileiro. Não necessitou êle do "assunto", do pitoresco anedótico, para criar uma arte autóctone; bastou-lhe a emoção pura que transcende das nossas qualidades brasileiras e o emprêgo sistemático e espontâneo de certos ritmos formais e a escolha de determinadas relações cromáticas. Prova, desta maneira, que, assim como o estilo, o caráter autóctone de uma obra de arte independe do "motivo".

A pintura de Cícero Dias se acha em íntima relação com a nossa natureza interior, enquanto que a natureza exterior é vista pelo artista com os olhos do espírito. Esta arte se conserva ligada à terra, ao mundo das aparências,



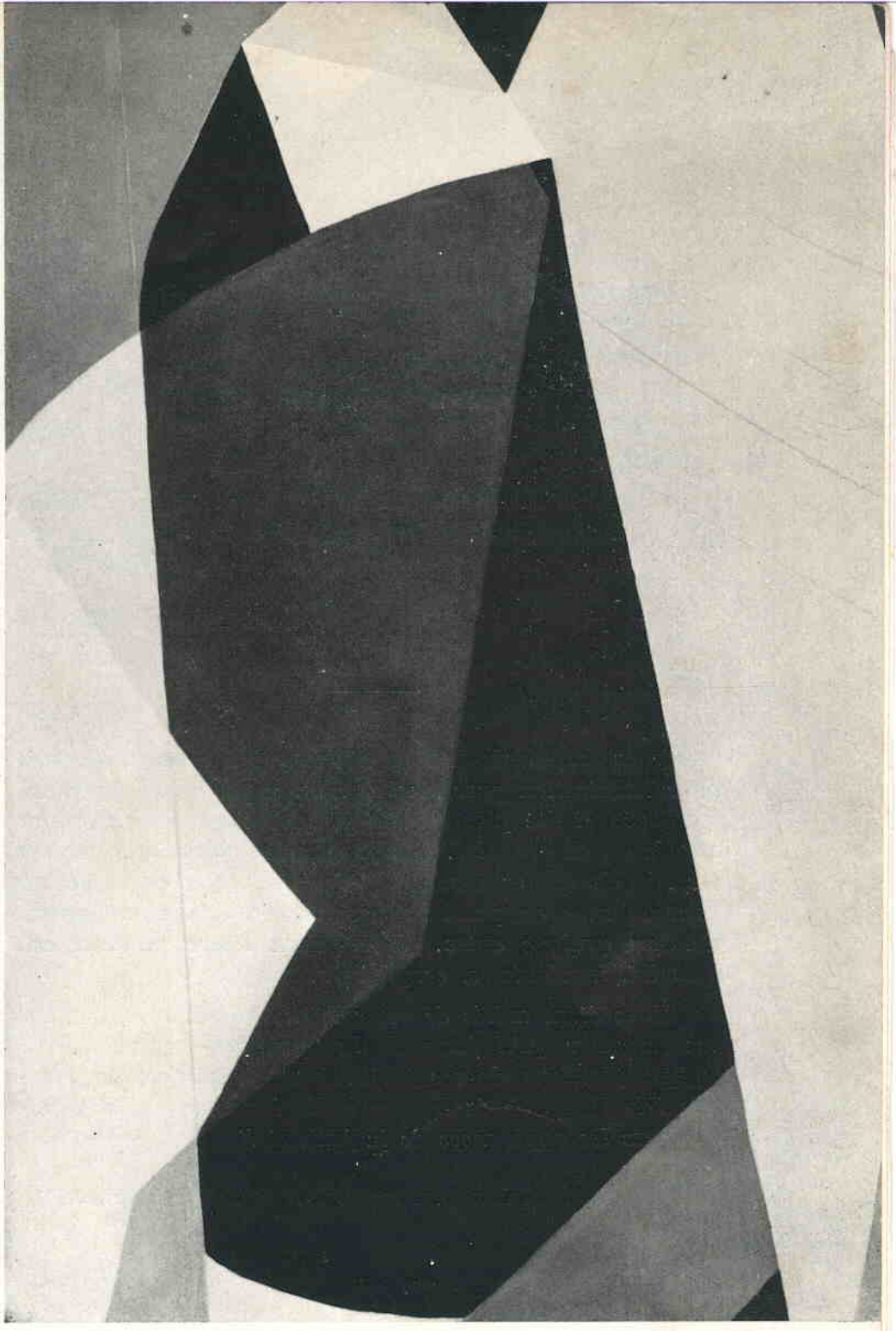
pela sua vitalidade gerada pelo dinamismo das côres e das formas. Ora são os verdes — evocação do reino vegetal — que se destacam da harmonia e vivificam tôda a tela, são verdes diferentes, tropicais, que muito têm a ver com a côr das palmeiras e dos canaviais; ora dominam os azuis puros que se acham em concordância com o azul do céu; ora os vermelhos explosivos e quentes evocam a exuberância colorida das côres tropicais, a violência dos nossos sentimentos e o calor da nossa atmosfera. A composição barrôca, espontânea e vibrátil, reforça ainda mais êste sentido orgânico e nacional. Por vêzes distinguimos, entre o emaranhado das formas abstratas, a massa de uma floresta tropical ou, numa visão aérea, os contornos de uma paisagem brasileira (veja-se, por exemplo, a tela "Les villes jumelles"). Aliás, quase tôdas as telas de Cícero Dias sugerem a paisagem, são, poderíamos assim dizer, "paisagens abstratas".

Todos êsses elementos gritam, por vêzes, tão alto, de tal maneira se agitam e tentam se desagregar, que o artista sente a necessidade de contê-los nos limites da tela. Cria, então, sábias armações que enfeixam a composição e equilibram o conjunto sem destruir o movimento e a assimetria que o causa.

Desta maneira, Cícero Dias, embora criando nos seus quadros objetos inteiramente novos que nenhuma relação têm com os existentes no nosso mundo habitual, faz, ao mesmo tempo, uma arte profundamente brasileira, pois se integra inteiramente no sentido da nossa paisagem e da nossa vida; êsses objetos, embora novos, são objetos brasileiros. A Cícero Dias não é necessário que se faça a recomendação habitual "Volte à natureza", pois jamais êle se apartou da natureza, tudo o que faz pertence a ela.

São êsses três elementos — modernidade, senso orgânico e caráter nacional — que dão grande valor à arte de Cícero Dias e tornam uma das mais importantes e uma das mais ricas e belas que um artista brasileiro já fez.

FLÁVIO DE AQUINO



Exposition à Paris chez Jane Castel, 1938, André Salmon écrit:

> *"On peut appliquer à Dias ce mot de Rimbaud: "ce sauvage, splendidement civilisé".*
>
> *"J'ai rencontré Cícero Dias, le brésilien, chez Pablo Picasso, l'espagnol*
>
> *Et c'est Paris qui leur conservait leur lumière, leur raison d'être: la lumière du Brésil, la lumière de l'Espagne, l'exubérance, la rigueur".*

(PAUL ELUARD, 1948)

"Aux confins de la Figuration et de l'Abstraction, puis dans l'Abstration pure, Cícero Dias apporte une fraicheur spontanée et des plus originales, qu'il s'agisse de peinture murale ou de chevalet. Les jeux de sa composition et ses accords de couleurs sont inimitables. Dias constitue un exemple rare de peintres incapables, quoi qu'ils fassent, d'imiter quelque autre. L'obligation d'être personel est, chez lui, involontaire, congénitale.

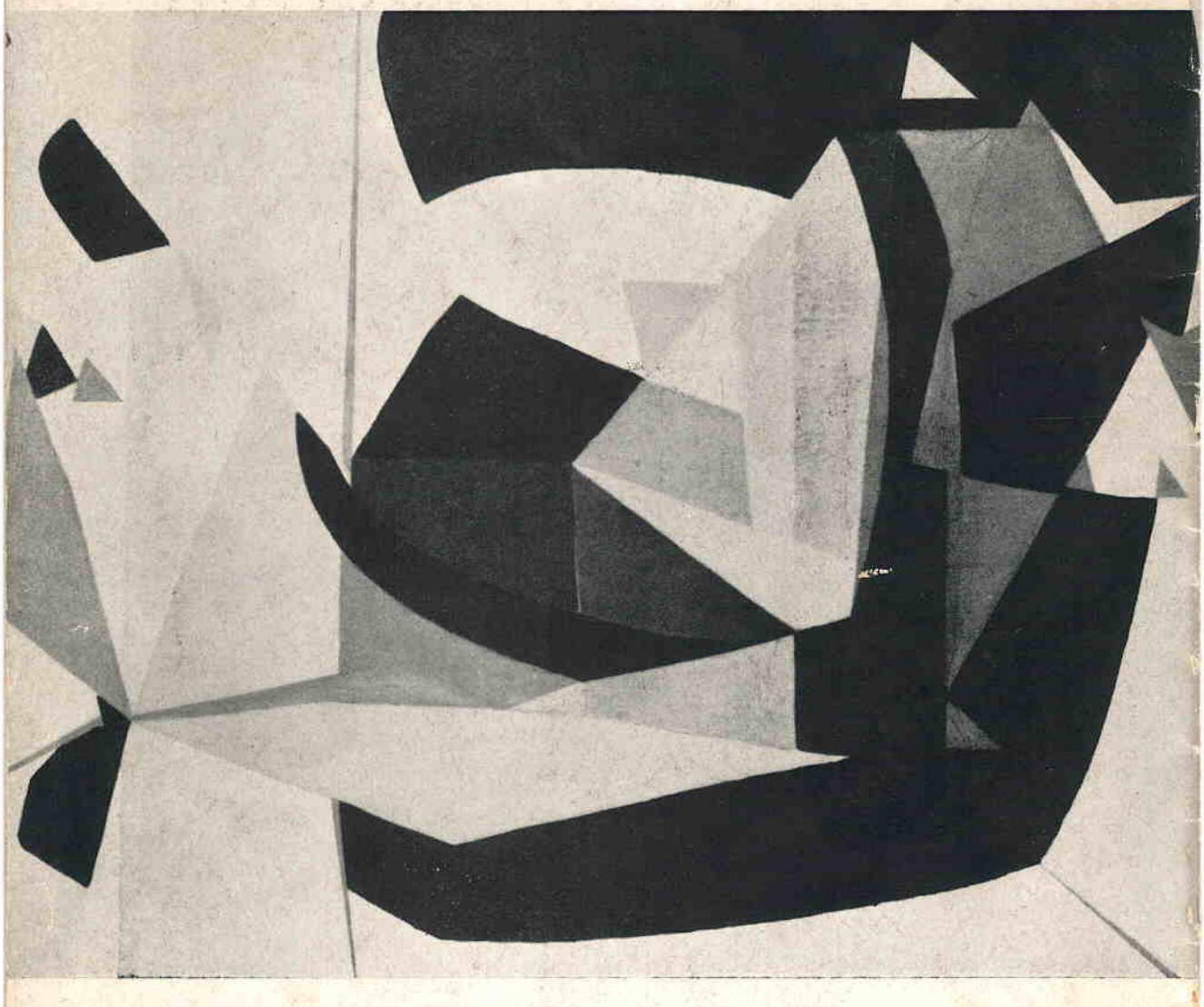
Nous étant avisés de ses origines brèsiliénnes, n'allons pas imaginer qu'il fasse de la "peinture tropicale". La logique plastique de ses tableaux est la projection picturale très fidèle de sa logique ordinaire: une rigueur obstinée sous les apparences de la fantaisie."

(LÉON DEGAND, *"L'Art d'Aujourd'hui"*, 1951)

"Au vrai, le langage plastique de Cícero Dias est fait de géometrie; c'est un jeu précis, s'il est lyrique, de droites, de courbes et d'ellipses, de triangles, de rectangles et de trapézes... Mais ces relations de lignes et de surfaces ne tirent point leur vertu de la raison, mais de l'espirit et des sens, et l'abstrait ici n'a d'autre fonction que d'être le coeur même du concret."

(CHARLES ESTIENNE, *Cahier d'Art. 1949*).

EXPOSIÇÃO



CICERO DIAS

MUSEU DE ARTE MODERNA - RIO DE JANEIRO